

Resenhas



MIGUEL ÂNGELO

A sibila de Delfos, C.1506-1509, Fresco, C. 350x380cm, Roma, Vaticano, Capela Sistina.

"A sibila de Delfos, a figura está voltada para a direita sobre seu próprio eixo, o braço que segura o pergaminho está dirigido para a esquerda. Este efeito é sustentado pelos dois Amores, que não são representados lado a lado, mas ao longo de uma diagonal que leva à profundidade da imagem."

Os Anormais

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Alípio de Sousa Filho - UFRN

"A crítica é o movimento pelo qual o sujeito se atribui o direito de interrogar a verdade acerca de seus efeitos de poder [...]; a crítica será a arte da não-servidão voluntária e da indocilidade reflexiva".

Michel Foucault

É do conjunto de aulas de Michel Foucault - aulas proferidas no Collège de France, em Paris, no ano escolar 1974-1975, e reunidas para edição sob o título "Os anormais" - que tenho que falar aqui. O título abriga "a grande família indefinida e confusa" dos personagens sociais que, do século XVII ao século XIX, tanto despertará incríveis representações no imaginário social europeu e alhures.

Seus leitores já sabem, Michel Foucault escreve para demolir discursos de "verdades" cujos efeitos sociais são solidários do exercício do controle e da dominação. Foucault fez de sua empresa intelectual uma "arqueologia do silêncio imposto" - depois da Renascença - a todos aqueles sujeitos sociais considerados, na nova sociedade burguesa, fora dos padrões da "normalidade". Toda a sua obra é isso. O discurso da "anomalia" de diversos indivíduos é uma dessas "verdades de poder" e casos de "silêncios" impostos a esses mesmos indivíduos que o autor procura discutir em suas aulas.

Michel Foucault foi definido como "o crítico da Ilustração mais perigoso desde a época das Luzes"¹. Pudera, ele é o maior crítico da modernidade e de tudo aquilo que se desenvolveu na sociedade burguesa moderna como formas de controle social dos indivíduos, disfarçadas em "razão", "ciência", "moderno". Em suas aulas, Foucault vai per-

correr histórias de "monstros", "hermafroditas", "indivíduos incorrigíveis" e "masturbadores" para constituir uma genealogia do conceito de "anormais" e do discurso da "normalidade" em correlação com o surgimento de toda uma série de mecanismos de vigilância, instituições de controle e discursos de poder em formato de "ciências", com efeitos de poder duradouros e constitutivos da sociedade burguesa moderna. O objeto das aulas sobre os "anormais" é desdobramento e realização do grande projeto de pesquisa de Foucault sobre as materializações do poder na sociedade, o que, de fato, corresponde a toda a sua rica obra - obra crítica e sem concessões ao imaginário da dominação burguesa.

Em "Os anormais", o autor procurará demonstrar como essa nova figura social - o anormal -, produzida no século XIX, se formará a partir de três outras figuras cuja existência não foi exatamente sincrônica, mas correlacionados no tempo: o monstro humano, o indivíduo a corrigir e o onanista. Vale lembrar, como faz o autor, que essas três figuras já se comunicam bem cedo, desde a segunda metade do século XVIII, compondo uma genealogia dos indivíduos anormais que resultará, no

1. VÁZQUEZ GARCIA, Francisco. Nuestro mas actual pasado. Foucault y la ilustración. Revista de Filosofía, n.7, p. 136, 1993.

século XIX, na figura própria do "anormal". Primeiro foi o monstro: este se referirá a uma história natural centrada na distinção das espécies, gêneros, reinos, etc. O monstro como contranatureza: a figura do ser meio homem, meio bicho, figuras de todas as pequenas irregularidades possíveis. Figuras do imaginário humano, o monstro terá muitas versões - indo do misto dos dois reinos, o reino animal e o reino humano: o homem com cabeça de boi, o homem com pés de ave, o homem com duas cabeças, etc. ao misto dos dois sexos: "quem é ao mesmo tempo homem e mulher é um monstro", esse é o tempo de um imaginário às voltas com os "hermafroditas" -, mas também, e como extensão do primeiro, o monstro moral: agora quando "a infração mais extrema se junta à aberração da natureza". É o tema de uma monstruosidade que tem seus efeitos no campo da conduta, no campo da criminalidade, e não no campo da natureza mesma. Aqui "a monstruosidade não é mais, portanto, a mistura indevida do que deve ser separado pela natureza. É simplesmente uma irregularidade, um ligeiro desvio...", desvio a corrigir, desvio a evitar. Esse é o imaginário da nova sociedade burguesa nascente, que daí para diante criará toda a ordem de técnicas e instituições devotadas à disciplina. A passagem de uma figura de monstro à outra já estava como que inscrita na ordem de coisas do real e seu acontecer anônimo. Então, serão as criaturas monstruosas, já desde final do século XVI até fim do século XVIII, que tantos problemas trarão para a teologia, o direito, as normas jurídicas. Diz Foucault: "só há monstruosidade onde a desordem da lei natural vem tocar, abalar, inquietar o direito, seja o direito civil, o direito canônico ou o direito religioso". A desordem da natureza abala a ordem jurídica.

A segunda figura é a do "indivíduo a corrigir". O indisciplinado. Um personagem mais recente que o monstro. É menos figura dos imperativos da natureza e mais das técnicas do disciplinamento - tão minuciosamente tratadas pelo autor em obras como *Vigiar e punir*. Conforme Foucault explica, o aparecimento do "incorrigí-

vel" é contemporâneo à instauração das técnicas de *disciplina*, a que assistimos durante o século XVII e o século XVIII. O indivíduo a corrigir é a figura da Idade Clássica, esclarece o autor. O campo de aparecimento do indivíduo incorrigível (ou a ser corrigido) é, em primeiro lugar, o da família e, depois, a escola, o trabalho, a rua, a igreja, a polícia, o exército, etc.

A terceira figura é o onanista, o masturbador. Figura totalmente nova no século XVIII. Ainda que a masturbação seja tão velha quanto a humanidade, e todo um policiamento discursivo do desejo sexual e do corpo sensual também conheça uma história anterior ao século XVIII, a emergência de uma cruzada contra a masturbação, como explica Foucault, constitui uma ruptura desse período histórico. O que se esboça através dessa campanha é o imperativo de uma nova relação pais-filhos, uma nova economia das relações intrafamiliares, distribuição da célula familiar em torno do corpo - e do corpo sexual - da criança, novos vínculos físicos entre pais e filhos "em que se ligam de forma complexa o desejo e o poder". Conforme ainda Foucault, "necessidade de um controle e de um conhecimento médico externo para arbitrar e regular essas novas relações entre a vigilância obrigatória dos pais e o corpo tão frágil, irritável, excitável dos filhos. A cruzada contra a masturbação traduz a ordenação da família restrita (pais, filhos) como um novo aparelho de saber-poder."

O indivíduo "anormal" - do novo discurso social do século XIX -, não se confundindo com essas três figuras, é entretanto solidário delas e constitui o ingrediente essencial para a gênese de uma "teoria da anormalidade" e para o nascimento de toda "uma rede institucional complexa que, nos confins entre a medicina e a justiça, serve ao mesmo tempo de estrutura de 'recepção' para os anormais e de instrumento para a 'defesa' da sociedade". Esta que se protegerá de toda ameaça de crítica e transformação de seus aparelhos através de uma ordem de técnicas de detecção e de classificações que, submetendo o indivíduo ao controle, o

faz viver sua própria dominação como necessária à permanência e à proteção da sociedade. A idéia de *normalidade*, como inventada no Ocidente moderno, é uma dessas técnicas, e as idéias de "anomalia", "anormalidade" e "anormais" são seus complementos inevitáveis. Discurso de poder. Discurso de dominação. É isso que Michel Foucault pretendeu mostrar em suas aulas.

"Monstro empalidecido e banalizado", o anormal do século XIX é conservação do monstro moral, do incorrigível e do masturbador: eis os ancestrais do anormal do século XIX. Essa figura, todos sabemos, invadiu o século XX... e, ao que parece, ainda não nos abandonou. A suspeita de "monstruosidade" - como manifestação da contranatureza ou como manifestação de "desvio" moral: o monstro natural ou o monstro moral -, no fundo de todo ato considerado crime por nossas sociedades, continua circulando no imaginário social. Nossos jornais, revistas, rádios e televisões - com seus jornalistas e repórteres, sempre falando como especialistas de tudo - estão aí como provas. A distribuição dos indivíduos em normais e anormais virou não apenas uma racionalidade "científica" nos campos da medicina, da psicologia, do direito, etc., que procuram uma razão imanente à conduta criminosa - sua inteli-

gibilidade na "natureza individual": natural ou moral. Recentemente, o coronel Severino Gomes dos Reis, comandante da polícia do RN, não definiu "a hereditariedade" como uma das razões para a "conduta criminosa"²² - mas também uma espécie de senso comum com o qual toda uma ampla maioria lida na vida cotidiana.

Pena que, ainda hoje, em todas as partes, existam pessoas no ambiente intelectual universitário, encarregadas do ensino da ciência ou candidatas ao título de cientistas, que falem do "normal" e do "anormal" como verdades da realidade e não como construções sociais e históricas. Representações sociais e discursos penetrados do imaginário social e da ideologia, e, por isso mesmo, percebidos e aceitos como fatos, dados do real. Michel Foucault, para muitos, resta ainda como uma leitura a ser feita e compreendida, mas principalmente resta como uma perspectiva intelectual a ser convertida em uma *prática política* que tenha o *cotidiano* como referência - e política sem concessões ao imaginário da dominação como existente nas nossas sociedades.

2. REIS, Severino Gomes dos. Não vamos tolerar policiais no crime. Diário de Natal, p. 3, 12 jun 2002. Entrevista.